

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Loução, Maria Dulce Costa Campos, 1958-

Humildade e finitude

<http://hdl.handle.net/11067/6898>

<https://doi.org/10.34628/wsqa6-yf71>

Metadados

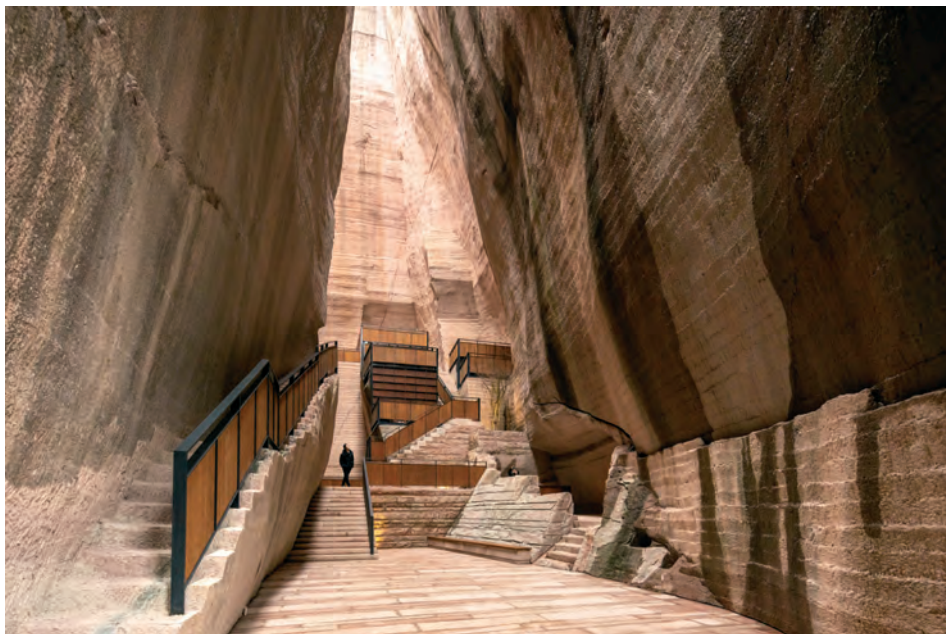
Data de Publicação	2023
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-29T04:39:12Z com informação proveniente do Repositório

**HUMILDADE E FINITUDE,
BREVES PENSAMENTOS SOBRE
A CONTEMPORANIEDADE**

Maria Dulce Loução

DOI: <https://doi.org/10.34628/wsqa6-yf71>



Parece evidente, de acordo com os cientistas, que o lugar da humanidade neste nosso planeta em perigo, é afirmar registos da sua passagem pela natureza com presenças construídas, que habitadas desde há milénios, afirmam a convicção de que esta espécie se propõe dominar e eternizar-se através dos artefactos que produz, através, nomeadamente, da arquitetura que vem erigindo sobre o território.

Nem sempre, ou diria mesmo, quase nunca, o equilíbrio entre a arquitetura e o lugar onde se ergue, é pacífica, como se a natureza não fosse a mãe da humanidade e a divindade que a criou se rebelasse com a sua dinâmica e exigisse que a obra construída se afirme em oposição com a topografia, a geologia, a morfologia, a terra arável, enfim, a manutenção da vida que hoje parece estar em perigo.

Mas a humanidade, para se perpetuar enquanto membro deste sistema alargado a que chamamos de infinito, cosmos, eu no mundo, precisa de erigir registos físicos que transcendem a sua própria mortalidade, que perpetuam um certo modo de vida, onde o abrigo e a transcendência exigem edificações que não contradigam o lugar da espécie na natureza e na convivência com a biodiversidade.

É pedido ao arquiteto que desenhe tal microcosmo, em harmonia, em sintonia, em conforto, lugares onde viver, socializar e morrer como parte do grande círculo cósmico, onde também os cemitérios são lugares arquitetónicos, afirmações do modo civilizacional do momento, sítios onde se cristalizam modos de vida, crenças e receios.

Desenhar estes cenários é tarefa lenta, ponderada, eticamente irrepreensível e tecnicamente consciente. Ensinar a criar habitats equilibrados e humanizados implica uma consciência de tarefa no mundo, que o torna habitável em harmonia. Tal tarefa não se compadece da pressa dos tempos tecnologicamente exigentes, mas sim do pensamento que a mão, ao desenhar simula, sonha e deseja que o que o futuro construído venha a ser, ou seja, em paz.

Porém, a própria construção em projeto, da arquitetura do edifício singular à rua, à cidade, ao país, implica a contemplação ativa do território onde ela, a arquitetura, vai tornar humanizada a natureza.

E essa humanização implica um gesto de humildade, de humanidade, diria. Trata-se de aceitar as especificidades não só físicas mas também sensoriais e relacionais, por forma a que o que se constrói como morada humana entre em simbiose com o seu suporte natural, e, se houver talento, o complete.

O tempo determina. A arquitetura completa.

Por vezes o engenho e a arte acrescentam significado que toca o transcendente e eternizam a nossa fugaz presença no universo.

O tempo faz com que o modo como se opera essa simbiose, evolua, conferindo novos sentidos ou subvertendo o senso original que, porque desconhecido aos olhos da atualidade, perde a sua razão de ser, transformado em mito ou inutilidade.

Aqui a arquitetura, no seu imobilismo é o fiel registo de um certo tempo que persiste, mesmo em ruína incompreensível, mas onde a proporção, a composição, a tectónica podem vir a albergar novos sonhos e ideias de divino, assegurando assim a nossa assinatura no

planeta, que persistirá, quiçá, muito para além do nosso tempo finito.

Restos de civilizações, incompreensíveis mas majestosas, ou presenças vernaculares, hoje inúteis, mas fiéis depositárias de memórias que não se decifram, nem pela ciência, pois, ao fim dos tempos foi do íntimo do seu autor, dos seus sonhos e receios, do poder de os manar erigir, que subsiste a verdadeira razão de ser da arquitetura – a de dar vida construída em sintonia com o universo, seja ele qual for, mais certo ou imprevisível – esperemos que, um dia, a arquitetura seja redentora, ainda que, por vezes, incompreensível.

Mas é nesse mistério que subsiste a verdadeira razão de ser da arquitetura – albergar o invisível, o inútil, o belo sem explicação.

O fascínio do espaço habitado em tempos imemoriais, sem função definida, mas com uso de vidas notáveis ou anónimas é, em última análise, o desígnio do arquiteto, fazedor de tramas infindáveis, tantas quantas as vidas que a sua arquitetura alberga, em vida longa, para além das gerações que a erigiram.

No dia em que a arquitetura falhar este seu destino, todos seremos mais pobres e tristes.